

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO – UM OLHAR PEDAGÓGICO

Wallisson Lopes Cardozo¹
Mariana Andreino Moreira²
Jucicleide de Sousa Juvêncio³
Maria Natália Jacobino de Sousa⁴

RESUMO

O presente artigo trata sobre as relações entre o professor e o aluno, bem como as influências do sistema e do meio social, e sugere práticas de reflexão que incitam uma proposta de educação baseada nos pressupostos de Paulo Freire. Refletimos como acontece o processo de opressão na sociedade e suas problemáticas no campo da docência, enfatizando a importância do professor no papel de educar para uma emancipação social e realidade escolar – indicada pelo sistema de desmonte profissional - e a atual conjuntura familiar dos alunos da era contemporânea. Enfatizando o potencial transformador que a educação tem, como uma ferramenta que poderá trabalhar para transformação de visão e pensamento de sujeitos atuantes na sociedade. A metodologia desse projeto faz parte de uma pesquisa de material teórico bibliográfico, elencando autores que dissertem sobre o assunto e subsidiem nossa discussão e é de cunho qualitativo. Concluimos que, a partir das práticas pedagógicas orientadas nos pressupostos do patrono da educação, com uma proposta dialógica de ensino, a educação poderá percorrer um viés de reflexão sobre a condição de alienação socialmente disseminada.

Palavras-chave: Professor, Formação, Educação, Transformar.

INTRODUÇÃO

A educação, ao longo dos tempos, sofre influências das transformações sociais, logo, os processos de ensino e aprendizagem sofrem mudanças à luz dessas transformações. O educador, como sendo o autor principal na atuação dessa educação em viés formal, acompanha historicamente e sofre as influências das mudanças e inovações metodológicas, tecnológicas, sociais e culturais.

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campus Cajazeiras /PB Wallissonl@gmail.com;

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campus Cajazeiras /PB, marianaandrelino@hotmail.com;

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campus Cajazeiras /PB, keydinha_rsousa@hotmail.com;

⁴ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) - Campus Cajazeiras /PB, natty.jacobino@gmail.com

Podemos perceber, então, que uma grande problemática na educação é a relação professor-aluno, visto que, a escola é a instância social que oferece o ensino formalizado que promove juntamente ao professor um conjunto de saberes sistematizado, moral e ético, que visa formar seus alunos para se tornarem cidadãos atuantes na sociedade, logo os laços interpessoais que serão construídos entre o educador e o educando darão significância ao processo de aprendizagem. O que nos leva a refletir acerca da formação do professor, da sua relação com a escola e com os seus alunos.

Logo, neste texto visamos propor uma reflexão pedagógica a partir dos pressupostos do patrono da educação brasileira – Paulo Freire – sobre suas contribuições acerca de uma proposta educativa em um sentido horizontal e que permita a ação reflexiva dos sujeitos das camadas populares que se encontram em situações de opressão social, sendo negados os direitos básicos fundamentais no que rege a constituição do direito à vida.

A DIDÁTICA, A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Com uma visão preconizada, a Didática enquanto disciplina pedagógica é vista nos cursos de graduação como uma disciplina que indica metodologias eficientes e eficazes no âmbito educacional, propondo métodos universais. Porém, a Didática vem a trazer reflexões e orientar o professor em suas ferramentas pedagógicas, que darão suporte a sua prática. A postura do professor perpassa sua filosofia de vida, não depende de conjuntos de técnicas e procedimentos que orientam sua prática. (PADILHA, 2006).

Nessa maneira de pensar, a Didática é percebida como repositório e fonte dos bons métodos de transmissão dos conhecimentos e de avaliação dos resultados obtidos. É ali que o professor busca recursos, procedimentos ou até mesmo “truques” para resolver uma tarefa bastante precisa, a de transmitir um determinado conhecimento para os alunos. A Didática e os seus procedimentos funcionariam, nesse caso, como a correia de transmissão de uma linha de montagem industrial, aquela espécie de mecanismo que vai conduzindo as diversas partes do produto até ele ser completado e receber o acabamento final. (CORDEIRO, 2007, p.97).

O professor é responsabilizado por todos os eventos na formação escolar do aluno. Estipula-se que: se ele dominar o conteúdo e explicar de maneira clara e os alunos disporem de boa saúde, motivação familiar e interesse nos conteúdos, o professor terá condições suficientes para ensinar e os alunos aprenderem; caso isso não venha a ocorrer, será responsabilizado pela carência ocorrida no sentido qualitativo no processo de ensino-aprendizagem do(s) educando(s).

A escola é um espaço de conflitos, cuja quais suas ocorrências são imprevisíveis e abertas às mais diversas possibilidades. Logo, a sala de aula, no cerne de sua heterogeneidade, está aberta a vivências, o que demanda do professor uma flexibilidade em sua postura para atender as diversidades situacionais que poderão surgir no decorrer do seu tempo escolar. O que implica a dizer que: as Didáticas adotadas pelos docentes sempre estarão aptas a versatilidade que o contexto escolar necessitar.

[...] aprender e ensinar só são possíveis pela intervenção do outro. São, portanto, atividades que se desenvolvem por meio de uma relação. No caso da relação com o saber, ela é ao mesmo tempo relação consigo próprio, com o outro e com o mundo, na medida em que esse saber e essa relação ajudam a construir a identidade do sujeito, a sua particularidade diante dos outros sujeitos e também permitem organizar, pôr em ordem e interpretar o mundo circundante. (CORDEIRO, 2007, p. 113-114).

Em sala de aula, o processo deverá respeitar as opiniões dos alunos, e não impor sua visão de mundo como verdade, mas que os alunos tenham abertura para a reflexão e questionamento, levando em conta que o ser ao ser inserido na escola já trás consigo uma leitura de mundo prévia. Assim, como destaca (LIBÂNEO, 1994):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades. (p. 250).

Percebemos aqui que as vivências particulares de cada aluno influenciam em seus modos de agir e pensar, logo, desenvolver-se intelectualmente. Compreendemos que cada aluno traz consigo conhecimentos adquiridos na vida com a sua família, em sociedade e nas brincadeiras com seus colegas, de modo com que, suas habilidades e competências estejam estritamente ligadas ao desenvolvimento dessa vida extraescolar, influenciando em seu desempenho em sala.

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como um estímulo e ajuda para o desenvolvimento independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto, essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la. (LIBÂNEO, 1994, p. 251).

Deste modo, assim como Libâneo (1994) coloca, a postura do professor não deverá ser pautada no autoritarismo, tampouco em ações afetivas parentais; mas ressalva sua autoridade para trabalhar a autonomia em seu caráter indenitário.

É essa abertura para com os alunos que enfatizamos como pressuposto para uma relação saudável, capaz de atribuir significados aos conteúdos e gerar uma convivência harmônica, que não tem o medo como pano de fundo.

A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE INTERVEÇÃO CONTRA A OPRESSÃO

Em meio a tantas desigualdades sociais, a educação é uma forma de intervir no mundo e nas realidades existentes, seja de maneira positiva ou negativa.

Assim como afirma Bourdieu (1992), a escola pode trabalhar como uma ferramenta de reprodução das diferenças sociais, através de práticas de exclusão simbólica para com seus alunos, com elementos de uniformização elitista como a fala, regras de convivência e assunto alheios às realidades dos educandos. Mas, de acordo com Paulo Freire (1996), a escola não é somente uma ferramenta de reprodução que obedece aos interesses das classes dominantes, mas é também de grande valia para que ocorra uma libertação dos sujeitos, dessa cultura dominante que estipula baixos níveis de ascensão social.

Independente do viés sob o qual determinada educação percorra, seu processo está imbuído de intencionalidades. Suas práticas não são neutras, seus fins são estabelecidos em conformidade com seus objetivos subsequentes, que estarão implícitos ao currículo escolar e no currículo oculto do professor, perpassando as práticas que estarão sendo utilizadas. Dessa forma:

Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e oculta de verdades. Toda vez, porém, que a conjuntura o exige, a educação dominante é progressista à sua maneira, progressista “pela metade”. As formas dominantes estimulam e materializam avanços técnicos compreendidos e, tanto possível, realizados de maneira neutra. (FREIRE, 1996. p. 99).

O desmonte social fecha os olhos para diversas realidades, onde pessoas vivem em péssimas condições de vida, sem acesso aos seus direitos básicos como humanos, como: alimentação, saúde, segurança e educação.

Logo, ver seus direitos, “assegurados” por lei, sendo negados e com uma estrutura escolar precária e deficiente que não faz conta dessas adversidades faz parte do desmonte da educação pública, que leva o professor a se desmotivar, tendo em vista o fracasso escolar de seus alunos, que parte de uma série de cadeias sociais, reproduzindo novamente a dialética da manutenção dos contrastes sociais.

No entanto, para que o contrário disso ocorra, o professor deve fazer uma reflexão sobre sua vida-profissional, tendo consciência do sistema que o rege e motivado a trabalhar com fins voltados para a transformação da vida desses alunos, os valorizando enquanto sujeitos, mesmo em situações de marginalidade.

Em Freire, no livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), vemos que o processo de aprendizagem deve promover uma transformação, em um sentido libertador das ideologias que o sistema hegemônico lança sobre as camadas populares, para tal, em seus métodos, o professor deverá partir da realidade do educando para indicar conteúdos científicos e que este processo não deve se dar em uma dialética autoritária. Nesses preceitos, analisamos uma relação horizontal entre as condições em sala, e um respeito à fala e direito do próximo.

Para Freire (1996), a relação entre o professor e o aluno deve ser de maneira que promova a liberdade do ser e a sua autonomia. Nessa perspectiva o professor deverá usar o diálogo como ferramenta para fomentar a curiosidade, a interação entre os sujeitos e a construção de conhecimentos; para tal, o mesmo deve ficar atento às transformações que ocorrem na sua área de conhecimento, na ciência, nas inovações tecnológicas e formatações sociais. Nesse sentido percebemos a importância de o professor estar comprometido com a formação continuada, no tocante da atualização de o que há de novo no mercado social.

Ainda sobre as práticas pedagógicas pautadas no autoritarismo do professor para com os alunos:

O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados mas autoritários a toda prova. O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor. (FREIRE, 1996, p.92).

Aqui observamos que, por vezes, o autoritarismo, enquanto ferramenta de opressão em sala de aula se configura muito mais como um paliativo ao professor que duvida de sua própria postura profissional, além disso, usar sua autoridade para oprimir seus alunos, pode causar uma grande insegurança e sentimento de incapacidade também no alunado em questão, pois faz que desacreditem de si mesmos.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como o que sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. (FREIRE, 2005, p.56)

No entanto, para que esta situação se reverta, o oprimido precisa de condições para refletir e reconhecer que é dependente emocional do opressor, e agir em comunhão, usando o

diálogo como ferramenta que busque analisar sobre sua real situação social e pessoal, em prol da libertação dos oprimidos, vulgo, sua própria condição. Assim:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 2005, p. 58 e 59).

Com base nos preceitos do autor, o diálogo é uma ferramenta perspicaz o reconhecimento dos direitos que são necessários e garantidos por lei para os indivíduos, como liberdade de expressão e pensamento, usufruindo desses direitos, na maioria das vezes negligenciados através de ideologias disseminadas por esferas que compõe o atual contexto social, para lutar por uma condição de vida equivalente de direitos e deveres tal qual os da classe que compõe a minoria hegemônica, e que, sobretudo, possibilite uma transformação na vida dos oprimidos alienados de sua realidade existencial precária e alheia aos que lhes é seguro enquanto direitos humanos.

Se é dizendo que a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas permutantes. (FREIRE, 2005, p.91).

Trabalhar o diálogo na perspectiva da educação foge dos princípios de uma educação baseada nos princípios tradicionais, que Freire aponta como uma educação do tipo bancária, onde o educando está a uma posição de apenas receber o que o detentor do conhecimento, em alusão ao professor, tem a os oferecer. Essa perspectiva sugere uma relação no sentido horizontal em classe, onde o educador dê abertura ao posicionamento do educando, hora esta prática deve ser estimulada enquanto vivências no espaço educacional, não apenas em formato de discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o exposto, pudemos observar que uma educação em contraste aos modelos de opressão, de cunho libertador e que desenvolva autonomia no sujeito pode ser fomentada a partir de uma relação professor-aluno em linha horizontal e com princípios dialogicos. Para tanto, o professor deverá refletir sua pratica pedagógica com base em sua postura como ser profissional e humano, então assim, seus conhecimentos possibilitarão traçar um currículo que

não reproduza as desigualdades sociais e que trabalhe a libertação dos seus alunos, fazendo com que eles acreditem em si mesmos.

Desse modo, observamos o diálogo como uma forma de respeitar os conhecimentos que são trazidos por cada indivíduo, pois, ao trabalhar nessa perspectiva, aumentam-se a capacidade de haver uma troca rica em conhecimentos de vida, princípios morais, éticos e provocar um questionamento e reflexão acerca da realidade social e educacional do aluno e como ele poderia agir para mudar essa realidade.

Pudemos constatar que a didática é uma ferramenta importante para que o professor reflita suas práticas pedagógicas e avalie o que não está proporcionando o resultado desejado e então construir ambiente produtivo, que seja flexível às diversidades que existem na escola e, principalmente, na sala de aula - levando em consideração que cada aluno tem suas especificidades e que ao ouvir o professor está dando abertura para aprender e ensinar.

Portanto, é de fundamental importância que haja parceria entre os professores e a escola, para que seja possível a formação contínua dos professores e a utilização de um currículo que possa trabalhar com as diversas realidades encontradas em salas de aulas e que volte seus objetivos à diminuição da exclusão simbólica gerando, assim, uma relação que transforma a maneira de pensar do aluno, ao incentivar sua autonomia de voz e ações, que podem transformar uma realidade, até então sem solução, pois a educação tem um poder transformador e é capaz de mudar rumos de vidas previamente estabelecidos pelas condições sociais dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. – 1. ed. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**/ Paulo Freire: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GARCIA. R. L; MOREIRA. A. F. B. **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. 4. ed.– São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor. – São Paulo: Cortez, 1994.

PADILHA, R. P. **Planejamento Dialógico** – 6. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Freire, 2006.